

## **A COLEÇÃO COMO ESTRATÉGIA EDITORIAL DE DIFUSÃO DE MODELOS PEDAGÓGICOS: O CASO DA BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO, ORGANIZADA POR LOURENÇO FILHO**

Marta Maria Chagas de Carvalho/PUCSP-USP  
Maria Rita de Almeida Toledo/PUCSP

No território conceitual delineado pelas proposições historiográficas de Roger Chartier e Michel de Certeau, um campo de investigação ganha relevância: o estudo do impresso como produto de estratégias pedagógicas e editoriais. Nesse campo, o conceito de *estratégia* põe em cena dispositivos de imposição de saberes e de normatização de práticas, referidos a lugares de poder determinados: uma casa de edição; um departamento governamental; uma instância eclesiástica; uma iniciativa de reforma educacional; etc. E é nesse campo que este artigo recorta o seu objeto de análise: coleções de livros que constituem, compendiam e organizam um *corpus* de saberes pedagógicos, propondo-lhes um uso: o de fundamentar a prática docente de seu destinatário, o professor.

Uma coleção de livros é sempre produto de uma estratégia editorial dotada de características que lhe são específicas. Tais características adquirem, no entanto, contornos variáveis, adequando-se a condições específicas impostas pelo mercado editorial e reajustando-se segundo objetivos historicamente variáveis, de natureza econômica, cultural e política. Retomando aqui o conceito de estratégia de Michel de Certeau (1982), pode-se propor que a edição de coleções é sempre produto de uma dupla inserção em um lugar de poder: de um lado, a de um interesse econômico de uma casa de edição, marcada por uma lógica que visa à ampliação do mercado editorial; de outro, a de uma política cultural que deposita no livro uma missão, variável segundo os objetivos que lhe são atribuídos por seus promotores, em situações históricas específicas. No primeiro caso, trata-se de ampliar o mercado editorial, qualquer que seja o seu tamanho e sua vitalidade, atingindo novos leitores; leitores virtuais ainda não capturados pelo mercado, ou leitores já cativos, conquistando-os para a leitura de gêneros novos que ainda não têm entrada junto a ele. No segundo caso, trata-se de adequar a mercadoria livro a um objetivo cultural específico, propondo-o à leitura de públicos específicos.

Em estudo sobre história do livro na França, Isabelle Olivero (1999) analisa a Coleção como uma nova classe de impresso, fruto de uma estratégia editorial específica, cuja função essencial é a de conquistar e atender um público maior de leitores. Segundo Olivero, essa estratégia foi marcada, na França, por dois desafios colocados à indústria do livro: de um lado, a necessidade econômica de ampliar o mercado consumidor em um período de crise da indústria livreira francesa e, de outro, a demanda de uma política cultural que depositava no livro a missão de educar, civilizar, universalizar e edificar.

Os dispositivos editoriais de produção dessa nova classe de impresso - a Coleção - são identificados e analisados por Olivero. A partir desse estudo, pode-se compor um modelo de análise generalizável para além do caso francês por ela examinado. Esse modelo abrange a consideração de dispositivos tipográficos e textuais de produção da identidade da coleção: padronização das capas, contracapas, páginas de espelho e lombadas; uniformização da estrutura interna dos volumes e dos mecanismos de divulgação; seleção de textos e autores adequada a públicos diferenciados; configuração de um “aparelho crítico” (prefácios, notas, índices remissivos e onomásticos, exercícios, sumários, temários, etc) que adaptam o texto, integrando-o ao padrão da coleção. Reunidos, tais dispositivos de uniformização produzem o seu destinatário, funcionando também como mecanismo de classificação dos livros reunidos como Coleção.

Este texto pretende analisar a *Biblioteca de Educação*, organizada por Lourenço Filho para a Companhia Melhoramentos, tomando como referência o modelo proposto por Olivero.

<sup>1</sup>Assim, serão examinados, ainda que de modo não exaustivo, os seguintes aspectos: 1) os principais dispositivos de produção da identidade e unidade da Coleção: a sua padronização em termos de cobertura (capa, lombada, contra-capas), de estrutura interna (estabelece-se um modelo ao qual os textos publicados são submetidos) e das estratégias de divulgação.;2) o dispositivo de chancela da Coleção pelo nome do editor ou organizador; 3) as estratégias de seleção de textos e autores como dispositivos de produção de destinatários e de classificação/ordenação dos temas publicados.;4) o *aparelho crítico* da coleção: os prefácios, as notas do tradutor e os comentários de especialistas introduzidos nos volumes que a compõem.

A análise recobrirá o que propõe como primeira fase da Coleção, abrangendo o período que vai de 1927, data da publicação do primeiro volume, até 1940, quando o conjunto

de obras publicadas passa a conformar um novo produto editorial, que pouco tem a ver com o projeto inicial.

Apesar de dirigidas à França, as análises de Olivero podem ser úteis para o estudo das coleções de livros publicadas no Brasil, se as adaptarmos às condições econômicas e culturais específicas do mercado editorial brasileiro. No caso francês, essa estratégia editorial é posta a funcionar em um momento em que há uma abundância de títulos oferecidos pelo mercado. Mas é possível propor o seu funcionamento em uma situação diversa, como a brasileira dos anos 1920 e 1930, na qual, não é a abundância dos títulos no mercado que determina a estratégia de publicar coleções, mas a sua rarefação em um contexto de expansão do mercado editorial, aliada a uma aposta cultural depositada no livro: a de promover a reforma da sociedade pela reforma da escola.

No Brasil, o *boom* das coleções se dá em um contexto de expressivo crescimento do mercado editorial, crescimento que pode ser aferido tanto em termos do número de títulos, autores e de tiragens, quanto relativamente ao número de editoras que nascem no período<sup>2</sup>. É, assim, a partir da descoberta de que publicar livros no Brasil é um bom negócio, que as coleções se multiplicam, produzindo leitores, prescrevendo-lhes modos de ler, e inventando, assim, o seu público<sup>3</sup>. Se a prática de trabalhar com novas estratégias editoriais e - entre elas, com coleções -, ainda é tímida na década de 20, ela vai se intensificar e se difundir nos anos 30.(Toledo, 2001).

Essa expansão dos negócios do livro ocorre, em meio à efervescência cívico-patriótica que caracteriza o movimento político-educacional nos anos 1920 (Carvalho,1988; 1998). É nessa conjuntura que o mercado do livro se reorganiza, acompanhando os movimentos culturais da década. É então que, associado a uma mudança de perfil da literatura educacional produzida no país (Nagle,1976), o mercado de livros de destinação escolar é fortalecido. Do ponto de vista comercial, é mercado garantido pelo próprio movimento de expansão da escolarização, aumento de matrículas e valorização da educação escolar. Do ponto de vista político-pedagógico, o mercado faz do editor um dos atores da modernização cultural do país(Toledo, 2001), fazendo circular livros cujos conteúdos se afinam aos discursos sobre a reforma da escola e da cultura como alavancas de modernização do Brasil. As editoras, conseqüentemente, ganham um lugar de agências do desenvolvimento da cultura nacional, pela sua função de produção deste importante instrumento de transformação cultural: o livro.

Editar significa, então, interferir politicamente no estado geral da cultura nacional. E editar livros de uso escolar é colaborar decisivamente para o sucesso do *programa de reforma da sociedade pela reforma da escola* que então se configura como plataforma política de toda uma geração de políticos e intelectuais.

Uma das plataformas desse *programa* era promover uma *mudança de mentalidade* do professor que o habilitasse ao papel de promotor da modernização do país pela escola. É nesse contexto cultural que ganha relevância a edição de coleções pedagógicas como *Bibliotecas para Professores*. Assim, caracterizar coleções de livros destinados a professores é operação que, neste artigo, põe em evidência a relação entre uma estratégia editorial de nítido interesse comercial e uma estratégia política e cultural de intervenção pedagógica através do impresso.

Nessas estratégias, a escolha do nome do organizador deveria ser garantia do sucesso da Coleção. O nome do organizador devia funcionar como espécie de avalista da qualidade do produto editorial, funcionando como dispositivo de difusão do empreendimento. Empréstando os seus nomes aos editores como espécie de “etiquetas” que são “pregadas” nas coleções, os educadores se transformam em “empreendedores” do mundo editorial<sup>4</sup>. Lançando mão de todo um conjunto de dispositivos textuais como prefácios, notas e apresentações, esses intelectuais-editores asseguram, de um lado, a imposição de suas representações e, de outro, a continuidade da projeção de seus nomes como especialistas da educação, fortalecendo as posições que ocupam no campo da educação.

A publicação da **Biblioteca de Educação** foi iniciada em 1927. Esse empreendimento cultural teve longa duração, lançando, entre 1927 e 1970<sup>5</sup>, 37 títulos e diversas reedições.

A Editora, quando ainda chamava-se Weisflog e Irmãos, já se destacava como um dos principais pólos de produção de livros de destinação escolar em São Paulo. Desde meados dos anos dez publicava autores de destaque no campo educacional ligados a renovação dos materiais escolares, como Arnaldo Barreto (Donato, 1990: 51). A editora procurou manter sua atuação no campo educacional, investindo na especialização do mercado e, conseqüentemente, em livros específicos para professores e educadores. Como parte dessa estratégia, convidou Lourenço Filho para dirigir a coleção, chancelando, assim, com o seu nome, o novo empreendimento. Transformar o educador em editor era, do ponto de vista da Melhoramentos, estratégia editorial de legitimação da nova iniciativa, o que, dada a rede de relações de

Lourenço Filho, facultava à Editora acesso a uma seara de novos autores especializados do campo educacional.

É o modelo de análise proposto por Olivero que nos permite recortar, para efeito de análise, o período 1927- 1940, apresentando a Biblioteca de Educação publicada nesse período como coleção nitidamente diferenciada daquela que, sob o mesmo nome, e ainda sob a organização de Lourenço Filho, será publicada de 1940 a 1970.

Entre de 1927 e 1940, a Coleção editou autores brasileiros e traduções de obras estrangeiras. Os livros eram editados em formato pequeno e eram dotados de um desenho de capa clássico, do tipo francês, comumente encontrado nas prateleiras das livrarias<sup>6</sup>. O editor optou pelas brochuras de modo a baratear o preço dos volumes<sup>7</sup>. Já nas décadas de 1950 e 1960, os títulos são publicados em duas diferentes séries, que passam a constituir a Biblioteca: uma em que os volumes eram publicados em grande formato; e a outra em formato médio. Nessa nova fase, os títulos de Lourenço Filho foram reunidos em uma coleção separada - a de suas “Obras Completas” – sem referência à Biblioteca de Educação. Com a entrada do regime de co-edição, já nos anos 1970, a coleção sofre novas reformulações, como mudanças no formato, alterações nas capas e nas indicações ao público leitor, entre outras.

Observando-se os títulos e autores publicados e lendo-se os textos explicativos do perfil da coleção inscritos nos volumes publicados entre 1942 e 1979, percebe-se que o projeto organizado nos anos 1920 e 1930 é praticamente abandonado: desaparecem dos versos das capas as referências aos títulos anteriormente publicados; poucos passam a ser os livros do período anterior reeditados; os textos de apresentação da coleção desaparecem das contracapas; a numeração que cada volume recebia ao sair na **Biblioteca** é abandonada. Assim, a partir de 1942, não restam sequer vestígios do conjunto de obras editadas no período anterior<sup>8</sup>. Além disso, dos 29 títulos publicados nos anos 1920 e 1930, apenas 5 são reeditados nos anos 40 (os três títulos de Lourenço Filho; Pierón; Moura); apenas 5 nos anos 50 (Dewey, Kilpatrick; Durkheim; Lourenço Filho – *Introdução....* e *Testes ABC...*); e os mesmos 5 nos anos 1960. Há, portanto, um abandono significativo do conjunto de obras que conferiu um perfil à Coleção nas primeiras décadas de sua existência. Assim, apesar da manutenção do nome da coleção e da permanência de Lourenço Filho como seu organizador, o conjunto de obras publicados a partir dos anos 1940 conforma um novo produto editorial, que pouco tem a ver com o projeto inicial.<sup>9</sup> Essa tese é confirmada também pelas mudanças de formato, de

capa e de títulos que, indiciando redefinições dos critérios ordenadores do perfil da coleção, conferem a ela, a partir dos anos 1940, uma nova identidade. Assim, levando-se em conta essas diferenças de perfil editorial, pode-se sustentar que o nome de « **Biblioteca de Educação** » designa, pelo menos, duas “coleções” distintas : a coleção publicada nos anos 1920 e 1930 e aquela editada no período 1940 - 1970.

As capas que cobrem os volumes da Biblioteca de Educação de 1927 até os anos 1940 apresentam o nome do autor, o título da obra e as referências da editora. Com certa frequência, destacam o lugar de inserção profissional do autor; o conteúdo do livro; o nome do tradutor e o lugar institucional que este ocupava; o nome do autor do prefácio; ou ainda prescrições sobre usos de um determinado conteúdo pelo público leitor<sup>10</sup>. A partir do volume IX, o número do volume e o nome da Coleção passam a constar na parte inferior da capa.

A contracapa dos volumes publicados entre 1927 e 1940 era dedicada à Coleção. Nesse espaço gráfico são reunidas todas as informações sobre o conjunto de obras que compõem a Biblioteca. Nele, o leitor pode obter informações sobre os critérios de seleção de autores e textos e sobre os próximos volumes que seriam publicados na seqüência, além do preço dos volumes e dos endereços de contato da Editora. Nesse mesmo espaço gráfico, uma pequena apresentação do perfil da coleção e de seu destinatário é editada. Assim, por exemplo, na contracapa do primeiro volume da coleção, pode-se ler:

*A <<Bibliotheca de Educação>> torna-se hoje indispensável aos srs professores, normalistas e aos srs paes em geral, directamente interessados em conhecer as bases scientificas da educação e seus processos racionaes. Cada volume conterà sempre um assumpto completo, e a coleção toda se distinguirá por duas séries, uma das bases scientificas do ensino, outra de applicações praticas e critica de systemas (in: Pieron, 1927: contracapa)*

A apresentação da **Biblioteca** não consta apenas da contracapa nos volumes publicados entre 1927 e 1940. No verso da página de espelho, há também um meticuloso texto de apresentação. Nele, a destinação da coleção é especificada e a escolha do título do volume é justificada pela rarefação de publicações similares no mercado editorial . Assim, na página de espelho de cada volume pode-se ler:

*Dada a deficiencia, (para não dizer já a ausencia) de livros com esse escopo, em lingua nacional, achamos que a iniciativa vem ao encontro de uma de nossas necessidades de*

*divulgação cultural, devendo encontrar, por isso, boa acolhida dos estudiosos (Biblioteca de Educação In: Geenen, vol. 4:2)*

No mesmo espaço gráfico, o texto de apresentação fala da Coleção e dos critérios de sua organização:

*A <<BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO>>, cuja organização está entregue a um especialista bastante conhecido, será composta, assim, de escolhidas traduções e de originaes de autores brasileiros, procurando desenvolver um plano harmonico, no seu conjunto, e, tanto quanto possivel perfeito, resumindo os mais salientes problemas educat<sup>11</sup>ivos da actualidade. Cada volume conterà sempre um assumpto completo, e a colleção toda se distribuirá por duas series. Na primeira, de caracter geral, serão expostas as bases scientificas do ensino, já do ponto de vista genetico-funcional da sua organização, já do ponto de vista da finalidade social e moral a que deve tender, para a elevação do homem, como cidadão e como homem. Na Segunda, serão examinados os meios praticos de educação e ensino, tratando-se de modo particular das applicações que mais nos convenham, com indicações e criticas de systema (Biblioteca de Educação In: Geenen, vol. 4:2).*

A página de rosto de cada volume repunha as informações referentes a **Biblioteca**: seu título; nome do organizador e número do volume que o título recebe ao ser editado pela coleção; nome da obra publicada; nome do autor e informação sobre seu lugar de inserção profissional; nome do tradutor (quando era o caso), e de sua vinculação institucional; símbolo e nome da editora. Um retrato do autor é publicado na página seguinte à página de rosto, introduzindo o volume.

Além de levar em conta esses dispositivos materiais de configuração da Coleção, é importante analisar a **Biblioteca de Educação** como produto de uma estratégia editorial específica, examinando o que Olivero chama de “aparelho crítico”: prefácios, notas de rodapé, sistema de remissão dos assuntos tratados a outras publicações e sistema de classificação dos volumes publicados relativamente a temas e questões de pedagogia . Embora não seja possível, nos limites desta comunicação, realizar essa análise, pode-se registrar que, na **Biblioteca**, o editor usa os prefácios como protocolo para organizar a compreensão do texto publicado no volume prefaciado, validando a autoridade da autoria, e explicitando as razões pelas quais o livro entra na **Coleção**. É também nos prefácios que o editor tece o intertexto que unifica os diferentes volumes publicados, mobilizando informações que

credenciam os seus autores e legitimam os saberes compendiados nos volumes. É nos diferentes prefácios, assinados em sua maioria, por Lourenço Filho, que o editor repõe as possíveis relações entre cada um dos textos escolhidos, prescrevendo um modo peculiar de entendimento do campo dos saberes pedagógicos que difunde<sup>12</sup>.

A esse critério interno de recorte, construído a partir de indícios legíveis na materialidade textual e tipográfica dos livros<sup>13</sup>, pode-se acrescentar um outro, que põe em cena o lugar social de produção da Coleção. Esse critério põe em relação um produto editorial – a Biblioteca de Educação no período 1927 e 1942 - e as estratégias de intervenção cultural através do livro de seu editor; no caso, Lourenço Filho, inscrevendo tais estratégias no *programa de reforma da sociedade pela reforma da escola* de que Lourenço Filho foi, nos anos 1920 e 1930, um dos principais mentores. É na posição de gestor de políticas de reforma escolar e de profissional engajado no chamado movimento de renovação educacional brasileiro que Lourenço Filho se faz, também, editor. Dar conta da estratégia editorial que produziu, diferencialmente, a identidade da Coleção nos anos 1920 e 1930, implica, por isso, perguntar-se por seu lugar nas estratégias de remodelação escolar em que o educador Lourenço Filho se empenhou no período.

No momento em que é chamado para organizar a Coleção, Lourenço Filho tinha posição de liderança no movimento educacional. Além de professor da Escola Normal da Praça da República, em São Paulo, era membro bastante ativo da Sociedade de Educação paulista; era um dos diretores responsáveis pela Revista **Educação** e um de seus autores; escrevia também na **Revista do Brasil** e em alguns jornais de grande circulação; participava ativamente dos debates das Conferências Nacionais de Educação, promovidas pela Associação Brasileira de Educação e realizara, em 1922, uma Reforma da Instrução Pública no Estado do Ceará. Nome de personagem bastante conhecido, a etiqueta “Lourenço Filho” podia funcionar como dispositivo de legitimação do empreendimento editorial. Além disso, o educador Lourenço Filho podia mobilizar toda uma rede autores para alimentar a Coleção, assim como tinha meios de divulgar as publicações em outros espaços que não o da propaganda direta da Editora.

Para Lourenço, os espaços abertos por uma das principais editoras do mercado de livros de educação, com ampla estrutura de distribuição e divulgação, significavam poder difundir e defender suas idéias e proposições de reforma escolar. Escolher autores brasileiros,



mandar traduzir autores estrangeiros, fazer circular seus próprios escritos sob a marca de uma editora de renome nacional dava ao educador um instrumental estratégico para intervir no campo educacional, difundindo representações sobre pedagogia, práticas escolares renovadas, formação de professor e política educacional. Era a possibilidade de contrapor uma nova literatura pedagógica àquela que até então circulava nas instituições de formação do professorado e nas escolas primárias do país, transformando, por essa via, a mentalidade do professorado.

Dessa perspectiva, e como coleção que compendia, difunde e constitui um *corpus* de saberes pedagógicos, a **Biblioteca de Educação** é dispositivo de promoção de um programa de reforma da escola<sup>14</sup>. O crivo que a conforma, conferindo-lhe o perfil de estratégia que visa à transformação da mentalidade do professorado, não é apenas constituído pelas concepções pedagógicas de Lourenço Filho, mas também pela avaliação que, enquanto editor, ele faz das disposições, expectativas e competências do destinatário da coleção<sup>15</sup>. O que significa dizer que esse crivo foi também constituído pela avaliação que o organizador da Coleção faz acerca da aplicabilidade dos princípios e preceitos da nova pedagogia às escolas brasileiras. Essa avaliação baliza as estratégias adotadas para promover a pretendida mudança de mentalidade do professorado, constituindo e organizando o campo dos saberes representados como necessários ao exercício da docência segundo critérios de adequação a um público leitor visado: os professores e professoras das escolas brasileiras. É assim que, na Coleção, monta-se uma rede de impressos como *Biblioteca para Professores*, no intuito de subsidiar a prática docente com um repertório de saberes autorizados, propostos como os seus fundamentos ou instrumentos. Saberes selecionados e hierarquizados pela avaliação que Lourenço Filho faz das disposições, expectativas e competências de seu público leitor e pelos requisitos que identifica necessários à mudança de mentalidade que pretende promover, peça central de um *programa de reforma da sociedade pela reforma da escola*.

### **Bibliografia:**

#### **Títulos da Biblioteca de Educação consultados**

- DURKHEIM, Émile. 1922. *Education et Sociologie*. Paris: Félix Alcan  
*Biblioteca de Educação:*
- PIÉRON, Henri. 1927. *Psychologia Experimental*. São Paulo: Melhoramentos V. 1.
- CLAPARÉDE, Edouard. 1928. *A escola e a psychologia experimental*. São Paulo: Melhoramentos V.2.
- DÓRIA, Antônio de Sampaio. *Educação Moral e Educação Econômica: suas bases – sua aplicação na escola*. São Paulo: Melhoramentos V.3.
- GEENEN, Henrique. 1928. *Temperamento e caráter sob o ponto de vista educativo*. São Paulo: Melhoramentos v 4.
- DURKHEIM, Émile. 1929. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos V. 5. (3<sup>a</sup>: 1952, 6<sup>a</sup>: 1965, 7<sup>a</sup>: 1967, 11<sup>a</sup>: 1978)
- DOMINGUES, Octavio. 1929. *A hereditariedade em face da Educação*. São Paulo: Melhoramentos V.6.
- PROENÇA, Firmino. 1929. *Como se ensina Geografia*. São Paulo: Melhoramentos V. 7.
- FONSECA, Coryntho. 1929. *A escola activa e os trabalhos manuais*. São Paulo: Melhoramentos v.8.
- FERRIÈRE, Adolpho. 1929. *A lei biogenética e a escola ativa*. São Paulo: Melhoramentos V. 9
- BINET, Alfred e SIMON, Theodulo. 1929. *Testes para a medida do desenvolvimento da inteligência nas crianças*. São Paulo: Melhoramentos V. 10.
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstöm. 1930. *Introdução aos estudos da Escola Nova: bases sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea*. São Paulo: Melhoramentos V. 11. (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>, 12<sup>a</sup>,
- DEWEY, John. 1930. *Vida e Educação*. São Paulo: Melhoramentos V. 12
- CRESSON, André. *Situação actual dos problemas filosóficos*. São Paulo: Melhoramentos v 13
- SERRANO, Jonathas e VENÂNCIO FILHO, Francisco. 1931. *Cinema e Educação*. São Paulo: Melhoramentos V.14.
- MOURA, Abner de. 1931. *Os “centros de interesses” na escola*. São Paulo: Melhoramentos V 15.
- PINTO, Estevão. 1932. *A escola e a formação da mentalidade popular no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos V. 16
- COSTA, Firmino. 1932. *Como ensinar linguagem*. São Paulo: Melhoramentos V. 17

- KILPATRICK, Willian Heard. 1931. *Educação para uma civilização em mudança*. São Paulo: Melhoramentos V 18 (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>)
- PINTO, Estevão. 1934. *O problema da educação dos bem dotados*. São Paulo: Melhoramentos V. 19
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstöm. 1933. *Testes ABC para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita*. São Paulo: Melhoramentos V. 20.
- TEIXEIRA DE FREITAS, M. A.. 1934. *O ensino primário no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos V. 21.
- LUZURIAGA, Lorenzo. 1934. *A escola única*. São Paulo: Melhoramentos V. 22
- ESPINHEIRO, Ariosto. 1934. *Rádio e Educação*. São Paulo: Melhoramentos V. 23
- NASCENTES, Antenor. 1935, *O idioma nacional na escola secundária*. São Paulo: Melhoramentos V. 24.
- SERRANO, Jonathas. 1935 *Como se ensina História*. São Paulo: Melhoramentos V. 25
- MARQUES, Orminda Isabel. 1936. *A escrita na escola primária*. São Paulo: Melhoramentos V. 26.
- TEIXEIRA DE FREITAS, M. A.. 1937. *O que dizem os números sobre ensino primário*. São Paulo: Melhoramentos V. 27.
- BARRETO, Ceição de Barros. 1939. *Côro orfeão*. São Paulo: Melhoramentos V 28.
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstöm. 1940. *Tendências da educação brasileira*. São Paulo: Melhoramentos V. 29.

## **Referências bibliográficas**

- AZEVEDO, Carmem L. de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. 1997. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: ed. SENAC.
- CARVALHO, Marta M. C. de. 1988. "Notas para Reavaliação do Movimento Educacional Brasileiro (1920 - 1930)". *Cadernos de Pesquisa*. 66: 4-11, agosto. São Paulo.
- , 1998. *Molde Nacional e Forma Cívica: Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação*. São Paulo: EDUSF
- \_\_\_\_\_. 2001. "A caixa de utensílios e a Biblioteca: pedagogia e práticas de leitura". In: VIDAL, Diana G. e HILSDORF, Maria Lúcia. *Tópicos em História da Educação*. São Paulo: EDUSP

- 2002. Pedagogia da escola nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In: Freitas, Marcos Cezar de; MOYSÉS, Kuhlmann Jr., (Org.). Os intelectuais na História da Infância. São Paulo: Cortez.
- CHARTIER, R. 1996. *El Mundo como Representación. Estudios sobre historia cultural*. Barcelona: Gedisa Editorial.
- CERTEAU, M de 1994. *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. Apres. Luce Giard. Petrópolis: Vozes.
- DONATO, Hêrnanni. 1990. *100 anos de Melhoramentos (1890-1990)*. São Paulo: Melhoramentos.
- FOUCAULT, Michel. 1992. *O que é um autor?*. Lisboa: Vega/ Passagens.
- HALLEWELL, Laurence. 1985. *O livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP
- MONARCHA, Carlos. 1997. “Lourenço Filho e a Biliotheca de Educação (1927-1941)”. In: MONARCHA, Carlos (org.). *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. Campinas: Mercado de Letras/ UNESP.
- \_\_\_\_\_; LOURENÇO FILHO, Ruy. 2001. *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Coleção Lourenço Filho, no 1. Brasília: INEP.
- NAGLE, Jorge. 1976. *Educação e Sociedade na Primeira República*. SP: EPU.
- \_\_\_\_\_. 1960. “A Educação na Primeira República”. In: BUARQUE, Sérgio. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo9. SP: DIFEL
- OLIVERO, Isabelle. 1999. *L’Invention de la collection*. Paris: L’IMEC/ Maison des Sciences de L’Homme.
- TOLEDO, Maria Rita de Almeida. 2001. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. São Paulo: EHPS/PUC (tese de doutoramento).

---

<sup>1</sup> Dados os limites estabelecidos para esta comunicação, não será possível realizar, exhaustivamente, neste texto, a análise referida, havendo apenas a possibilidade de esboçá-la. Em artigo que está sendo encaminhado para outra publicação, uma análise mais exaustiva está sendo desenvolvida.

<sup>2</sup> Ver, a respeito, a tabela “Edição de livros no Estado de São Paulo e na cidade do Rio de Janeiro” in: Hallewell, 1981:238-239.

---

<sup>3</sup> A principal característica do mercado editorial, até a década de 20, era o consumo de livros importados e de livros brasileiros impressos fora do país. Além disso, para se tornar autor, era necessário capital para investir e distribuir a própria obra, já que as poucas editoras existentes publicavam apenas os livros didáticos, jurídicos e um ou outro escritor de romances de sucesso. Portanto, a idéia de abundância não caracterizava o mercado editorial brasileiro do começo do século XX; pelo contrário, os livros que circulavam eram na sua maioria estrangeiros, trazidos com frequência por encomenda, sobretudo quando se tratava de livros de outros gêneros que não a literatura, como os livros científicos ou especializados (Cf. Hallewell, 1981 :235)

<sup>4</sup> A coleção *Atualidades Pedagógicas*, organizada por Fernando de Azevedo para a Companhia Editora Nacional, é analisada por Toledo (2001).

<sup>5</sup> A **Biblioteca de Educação** continua existindo após a morte de Lourenço Filho, porém em regime de co-edição e com mudança nos desenhos das capas. Nos anos 1970, a **Biblioteca**, já dividida em duas séries desde os anos 1950, -(Série “Grandes Textos” (com livros publicados em formato grande); Série “Iniciação e Debate” (com livros publicados em formato pequeno)) - mantém poucos títulos publicados nas décadas anteriores – apenas 7 – o que indica uma ruptura no projeto até então desenvolvido por Lourenço Filho.

<sup>6</sup> Ao contrário da Companhia Editora Nacional, a Melhoramentos parece ter sempre optado por formatos e desenhos de capa mais comuns e conhecidos pelo público leitor. Sobre a renovação das capas no mercado editorial consultar Azevedo, Camargo, Sacchetta (1997).

<sup>7</sup> Segundo Monarcha, o preço dos livros, entre 1927 e 1941 variava entre 4\$000 e 10\$000, mas, na sua maioria, os livros custavam entre 4\$000 e 6\$000. Para o autor, esse preço era acessível ao bolso dos professores – principal destinatário da coleção (Monarcha, 1997)

<sup>88</sup> A configuração material da coleção **Atualidades Pedagógicas**, organizada por Fernando de Azevedo e contemporânea a **Biblioteca de Educação**, é bastante diversa. Mesmo com a total reformulação de seu projeto editorial nos anos cinquenta, ela guarda vestígios do projeto original de Azevedo, nas listagens da coleção e na numeração das obras (Toledo, 2001)

<sup>9</sup> Essa tese é parcialmente referendada por Monarcha (1997) para quem “a partir de meados da década de 1940, a dimensão de combate e doutrinação passa por um abrandamento e a coleção assume outras características”. No entanto, falar apenas em “abrandamento” de uma “dimensão de combate e doutrinação” é insuficiente, pois, além dos indícios materiais referidos, é todo um conjunto de títulos e de autores publicados nos anos 1920 e 1930 que é paulatinamente abandonando.

<sup>10</sup> Cf, por exemplo, o volume 15, em que, sob o título – Os centros de interesse na escola – consta a prescrição: “sugestões para lições globalizadas, segundo o systema Decroly, como contribuição a uma escola brasileira renovada”.

<sup>12</sup> Entre 1927 e 1955, todos os livros publicados na Biblioteca têm prefácios assinados por Lourenço Filho, com exceção de seus próprios títulos e três outros : **Temperamento e caráter sob o ponto de vista educativo**, de H. Geenen, cujo prefácio é assinado por Franco da Rocha; **Educação e Sociologia**, de E. Durkheim, cujo prefácio é assinado por Fauconnet ; **Cinema e Educação**, de J. Serrano e F. Venâncio Filho, cujo prefácio é assinado pelos próprios autores.

<sup>13</sup> Alude-se aqui aos conceitos de dispositivos textuais e dispositivos tipográficos de modelização da leitura propostos por Roger Chartier (1996) para a análise dos impressos.

<sup>14</sup> Ver, a respeito, Carvalho, 2002.

<sup>15</sup> Ver, a respeito, Carvalho, 2001.